

ARISTÓTELES

Nasceu em Estagira, em 384 a.C. Foi educado na corte macedónica, em virtude de seu pai, Nicómaco, ter sido médico de Amintas II, rei da Macedónia.

Entrou para a escola de Platão com dezoito anos, tendo sido o seu melhor discípulo, aí permanecendo durante vinte, até à morte do mestre ocorrida em 347. Depois da morte de Platão, foi suspeito de ser partidário dos Macedónios, o que o obrigou a abandonar a cidade de Atenas. Foi preceptor de Alexandre a partir do ano 343 e voltou a Atenas em 335, tendo fundado o Liceu, escola que apresentava alguma rivalidade com a Academia.

As obras a que temos acesso, foram escritas tendo em vista o ensino.

Durante cerca de dois mil anos influenciou o pensamento ocidental, com uma autoridade quase indiscutida.

Obras:

Protréptico – É uma instigação aos estudos filosóficos.

Ética a Eudemo – Trata do problema moral.

História dos Animais – O primeiro estudo de cariz biológico, do filósofo.

Poética – Trata da tragédia e da epopeia. A parte relativa à comédia, ter-se-á perdido.

Física – Estudo da realidade natural.

Os Meteorológicos – Estudo dos fenómenos meteorológicos.

Da Geração e da Corrupção – Poderá ser considerado um verdadeiro apêndice ao *Tratado do Céu*.

Das Partes dos Animais

Da Geração dos Animais

Retórica – Obra composta por três livros. Os Livros I e II são dedicados à argumentação e o III à forma do discurso.

Constituição de Atenas

Da Alma – Obra que se consagra ao estudo da alma, sua essência e faculdades.

Ética a Nicómaco – Obra composta por dez livros, designa as concepções morais.

A Metafísica – Reúne os conhecimentos de Aristóteles em sede de filosofia primeira, do estudo do Ser enquanto ser.

Organon – Obra consagrada à lógica formal. É composta por outras seis: *As Categorias*, *Da Interpretação*, *Os Primeiros Analíticos*, *As Refutações Sofísticas*, *Os Segundos Analíticos*, e *Os Tópicos*.

A Política – Estuda a forma e a possibilidade de moderar os costumes do Estado, por intermédio das instituições e da cultura.

Tratado do Céu – É nesta obra, que em quatro livros é exposta a cosmologia aristotélica.

Assemelha-se ao mestre, quando julga que nada há na natureza, seja ou não aparentemente insignificante, que não valha a pena ser investigada.

Como já se disse, foi preceptor de Alexandre, entre os treze e os dezasseis anos deste, desconhecendo-se na realidade, qual a influência que exerceu sobre o jovem discípulo – *as opiniões de historiadores são diversas, inexistindo consenso*.

Em 335 fundou a sua escola em Atenas e faleceu no ano de 322.

Se Platão influenciou pela sua metafísica, Aristóteles fê-lo essencialmente pela lógica, sendo certo que como ensina Russel, “quem hoje quiser aprender lógica perderá o seu tempo a ler Aristóteles ou qualquer discípulo seu.”

Tal como Platão, Aristóteles não é monoteísta, mas politeísta. Deus é um ser vivo, eterno, maximamente bom, dono da vida e da eternidade. É a Primeira Causa, a Primeira Forma ou Ideia. Autocontempla-se ininterruptamente e não tem qualquer interesse nos acontecimentos terrestres.

Deus é identificado com o primeiro motor, o motor imóvel que tudo move sem que seja movido.

Tal como Espinoza, julga que os homens devem amar Deus, mas a este não lhe é possível amar os homens.

No que ao movimento respeita, Deus é o primeiro motor, o motor imóvel e transcendente que dirige o mundo. Ordena-o, mas não o cria.

Deus sendo uma forma pura e uma realidade pura, não pode mudar. Deus é forma sem matéria.

Para Aristóteles, há três tipos de substâncias:

- as sensíveis perecíveis – plantas e animais;
- as sensíveis não perecíveis – os corpos celestes;
- as não sensíveis nem perecíveis – a alma e Deus.

Logo a seguir à divindade por excelência, seguem-se as divindades dos céus e dos astros celestes. Anote-se que para Aristóteles o éter era concebido como o que mais se aproximava da divindade e do qual eram constituídos os corpos celestes. Se o mundo sublunar era composto pelos quatro elementos – *água, terra, ar e fogo* –, o dos astros era-o pelo éter, não estando sujeito à mudança ou à extinção. Esta doutrina foi aceite até ao século XV, acabando por ser abandonada em grande parte por obra de Nicolau de Cusa.

O seu principal argumento quanto a Deus, é o da primeira causa. O que produz o movimento tem de estar imóvel, tem de ser eterno. Deus, motor imóvel, ordenador do mundo no sentido da perfeição, é a causa primeira, mas não é o único motor, porquanto se limita a mover o primeiro céu. As restantes esferas são movidas por outras tantas divindades – *ao tempo, os astrónomos identificavam um conjunto de esferas celestes susceptíveis de movimentar os astros num movimento circular.*

Sendo Deus o que de mais perfeito pode existir, pensa-se a si mesmo e é pensamento do próprio pensamento, o que o faz plenamente feliz – *o pensamento é o que pode existir de mais doce, é o que de mais excelente existe.*

O argumento da existência de Deus, prende-se com a hierarquia da perfeição. Na existência de gradações no sentido da perfeição, terá de existir sempre algo absolutamente perfeito. Essa entidade, sumamente perfeita, só poderá ser Deus.

Interessante é a adaptação que realizou do mito da caverna. Daí retirava uma prova inequívoca da existência da divindade. Caso tivessem existido homens a viver em casas sumptuosas, rodeados por tudo o que de mais belo o homem possa conceber, mas no subsolo, sem que alguma vez tivessem contemplado o mundo natural e apenas tivessem uma ideia, ainda que ténue de Deus, seriam imediatamente convencidos da sua existência, se pudessem contemplar, ainda que por breves minutos, a natureza e a sua perfeição. Para Platão, o mito da caverna demonstra-nos a ilusão que é gerada pelo mundo sensível, enquanto que para o seu discípulo, dignifica e

atesta a sua perfeição, bem como adianta um argumento a favor da existência de Deus.

O mundo, para Aristóteles, existiu desde sempre, e nunca deixará de existir, alicerçando-se num Acto de Pensamento que tem por essência a eternidade e a completude, aqui entendida como auto-suficiência e subsistência total.

O mundo é perfeito, finito e eterno. É finito, porque se fosse infinito seria incompleto. Para além das estrelas fixas não há espaço. Assim, estariam erradas as teses de Anaximandro e de outros filósofos quanto à existência de inumeráveis mundos e de todos aqueles que admitiram o vazio.

A alma é objecto de estudo da sua Física, porquanto forma incorporada na matéria, vivificando-a. No entanto, não podemos dissociar tal estudo da metafísica. Tal como Platão admite que a alma ao encarnar esquece as percepções adquiridas ao longo da sua existência. Mas, regressando ao além, por efeito da morte, rememora o que aprendeu nesta vida.

Com algum pessimismo, anota que a mais preciosa condição da alma é a sua existência independente do corpo, chegando a afirmar que: “Dado que para o homem é impossível participar da natureza do que é verdadeiramente excelente, seria melhor não ter nascido, e dado que nasceu, o melhor é morrer quanto antes”.

Estudo temático. Para um maior desenvolvimento e conhecimento de outros filósofos sobre os temas versados, ver neste site, www.homeoesp.org » Livros online » *Deus, Alma e Morte na História do Pensamento Ocidental*.

JOSÉ MARIA ALVES
WWW.HOMEOESP.ORG